

DIÁRIO DE NOTÍCIAS	22. NOV. 1974	COMÉRCIO DO PORTO	
SÉCULO		DIÁRIO POPULAR	
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA	
PRIMEIRO DE JANEIRO		CAPITAL	
JORNAL DE NOTÍCIAS		REPÚBLICA	

## A OPINIÃO DOS OUTROS

# Cabo Verde neutral: desejo do P.A.I.G.C.

**Resposta do comandante Pedro Pires, que foi o chefe da delegação do P.A.I.G.C. às conversações para o reconhecimento da independência da Guiné-Bissau, numa entrevista conduzida por Adelino Cardoso, sobre o futuro de Cabo Verde:**

(...) Acho que a sua pergunta não é de todo correcta, porque mesmo a luta armada, em outros países, não atingiu todo o território, sobretudo os centros urbanos, embora a população destes a tenha apoiado por outros processos. Quanto ao problema do destino de Cabo Verde, quanto às forças políticas que o determinam, nós — porque eu também sou da pequena-burguesia — não queremos o monopólio do Poder. Sobre isso há, aliás, um estudo interessante do camarada Amílcar Cabral, sobre a participação da pequena-burguesia na luta de libertação dos povos africanos. O problema está em que a pequena-burguesia nunca foi uma classe no verdadeiro sentido da palavra; nunca teve um papel preponderante, quer na produção, quer na posse dos meios de produção. Foi sempre uma classe fiel servidora e a sua alternativa é ou integrar-se no povo para defender os verdadeiros interesses do povo ou servir interesses estrangeiros. Nós não lutamos pelo enfeudamento do nosso país a qualquer interesse estrangeiro e não pensamos que vamos trair os interesses do nosso povo. Poder-se-á dizer que isto é apenas um voto de intenção. Acontece que, na prática, fazemos um grande trabalho de esclarecimento e formação política, sobretudo do campesinato, dos trabalhadores, do lumpen que vegeta à volta das cidades e da própria pequena-burguesia, para lhes mostrar onde é que estão os seus próprios

interesses, os interesses do povo de Cabo Verde.

Pensamos também que não há perigo de uma traição, de desvio da nossa luta dos objectivos do programa do nosso partido. A tarefa de reconstrução nacional tem de ser feita tendo em conta a realidade da nossa terra e as forças sociais presentes. Só tendo em conta esta realidade poderemos orientar a construção do nosso país no sentido do progresso e da justiça. Nós definimos de uma maneira muito simples o que queremos na nossa terra: queremos pão, medicamentos, roupa, escolas e um tecto para habitar. Também é preciso ter em conta a situação internacional que condiciona o desenvolvimento do nosso país e condiciona o acesso do nosso país à independência, daí que não possamos ter a pretensão de realizar o que queremos da maneira que queremos. Temos de ter em conta todos os vectores que influenciam a construção do nosso futuro. Já que falamos do contexto internacional há uma outra coisa que queremos afirmar. Fala-se muito do P.A.I.G.C., do seu carácter comunista, de influência soviética. Queremos dizer que estamos conscientes da situação de Cabo Verde no contexto africano e no contexto internacional e, nessa medida, não podemos admitir a existência na nossa terra de bases ou posições preferenciais de qualquer grande potência mundial. Queremos a nossa terra dentro do Terceiro Mundo, queremos a nossa terra alinhada numa posição neutralista, defendendo os interesses do nosso povo, do Terceiro Mundo, os interesses africanos, os interesses dos pequenos países que precisam de ser independentes. Não podemos alinhar com blocos se queremos assegurar a

defesa da nossa terra num caminho de Paz.  
(«Vida Mundial», 21.11.74)